Valor ECONÔMICO

Imprimir ()

25/06/2015 - 05:00

França crê em acordo, mas teme texto fraco

Por **Daniela Chiaretti**

Laurence Tubiana, negociadora francesa para o clima: "Podemos acertar que a conferência de Paris seja o ponto de partida de muitas transformações"

O maior temor da França em relação à conferência do clima das Nações Unidas em Paris, em dezembro, não é que não se chegue a um acordo climático global, e o evento reedite o fracasso da conferência de Copenhague, em 2009. "Minha maior preocupação é conseguir que o acordo seja forte, seja ambicioso", diz Laurence Tubiana, a negociadora-chefe francesa, em entrevista exclusiva ao **Valor Pro**, serviço de informação em tempo real do **Valor**.

Laurence Tubiana, braço direito de Laurent Fabius, ministro das Relações Exteriores e presidente da COP-21, esteve no Brasil por 30 horas, na semana passada. Encontrou-se com a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, e com o chefe dos negociadores brasileiros, embaixador José Marcondes de Carvalho. Veio discutir a visão do governo brasileiro sobre o acordo e ver se a França pode contar com a ajuda do Brasil em mediar conflitos e acertar posições entre os países no evento de Paris.

"Paris pode criar um círculo virtuoso", diz a cientista política com PhD em economia e currículo quilométrico - professora e diretora do centro de desenvolvimento sustentável na Science Po, de Paris, professora visitante na Universidade Columbia, membro de conselhos de energia e agricultura, conselheira para assuntos ambientais do ex-primeiro ministro Lionel Jospin entre 1997 e 2002, representante das ONGs europeias no Banco Mundial e membro de conselhos científicos de institutos na França, China e Índia.

"Paris será como uma bola de neve" na transformação da economia global, diz. "Mas temos que entender que não vamos fazer tudo da noite para o dia. É um longo processo." A França, diz sua negociadora-chefe, quer que o acordo de Paris seja ambicioso, duradouro, com regras de longo prazo. Que englobe compromissos voluntários de cada país, mas tenha arcabouço legalmente vinculante. Que seja justo, equilibrado e contenha mecanismo de revisão que permita ajustes das metas no futuro.

Ela acredita que Paris pode ser diferente de Copenhague por três motivos. O primeiro é que há indícios de que o mundo começa a tomar o rumo da economia do baixo carbono, o que não havia há seis anos. Os países amadureceram a ideia, desenvolveram políticas climáticas e estão mais preparados para um acordo global. Por fim, a solução de se ter um acordo baseado em propostas voluntárias, mas com moldura legal, parece ser mais atraente.

Laurence diz que a proposta brasileira de se diferenciar os compromissos entre os países (de modo que o Butão não faça o mesmo do que a Suíça), conhecida por "círculos concêntricos", é muito interessante. Adianta que a França concentra esforços em afrouxar o nó das finanças, com mecanismos que deem transparência ao fluxo de dinheiro público e privado dos países ricos para os em desenvolvimento. "Nada disso está dado. Temos muito trabalho pela frente."

Ela considera a encíclica do papa Francisco " uma reflexão muito poderosa" e que irá ajudar a se ter um bom resultado na

conferência. "Vejo o resultado de Paris não apenas resumido ao acordo climático. Mas a importante e forte mobilização de muitos setores que, no fim das contas, farão a mudança acontecer." E arremata: "Precisamos de todas estas vozes".

Os líderes poderão desejar ir a Paris, mas a França estuda uma novidade: prefere que venham no início da COP 21 e não em seus momentos finais. "Em Copenhague foi uma receita para o fracasso", diz a negociadora-chefe. A seguir, trechos da entrevista:

Valor: *Qual seu objetivo na visita ao Brasil?*

Laurence Tubiana: Tive conversas muito consistentes sobre as visões do Brasil do acordo climático e também como o Brasil pode ajudar a presidência francesa da conferência a chegar a um bom acordo em Paris. Já fui à China, á África do Sul e irei a Índia em julho. Nestes encontros precisamos entender em que momento o país está, mas também se pode ser um construtor de pontes entre os vários países e suas diferentes posições, se pode atuar para facilitar compromissos. Esta não é a hora de ficarmos parados nas próprias posições, temos que nos mover adiante e negociar. Alguns países podem ajudar a fazer isso e estou certa que o Brasil é um deles.

Valor: *A senhora acha que o Brasil está atrasado em divulgar suas metas e contribuições para o acordo, o chamado INDC?*

Laurence: Este ponto não foi o centro das minhas conversas com a ministra Izabella Teixeira e o time de negociadores, mas sei que o Brasil está em um bom caminho para estruturar sua meta, que há muitas conversas com os vários segmentos, stakeholders, empresas. Isso é muito importante. Em alguns países, produzir as metas nacionais e falar com os vários atores econômicos têm sido uma excelente de discutir o assunto com a sociedade. Pensar sobre estes compromissos e o que significam pode ser mais importante do que o número em si. Estamos aguardando a INDC do Brasil e felizes em saber que está chegando. Gostei muito de ler a declaração da presidente Dilma Rousseff, na Europa, há poucos dias.

Valor: *Por quê?*

Laurence: Gostei da maneira como ela descreve o acordo (a presidente falou em Bruxelas sobre a necessidade de se chegar em Paris a um acordo vinculante, entre todos os países, com um fundo verde para financiar a transição a uma economia de baixo carbono nos países em desenvolvimento e com transferência de tecnologia). É um discurso muito alinhado com o que estamos querendo dele.

"Não vamos fazer tudo da noite para o dia. É um longo processo, uma ampla transformação de todas as economias"

Valor: *Que tipo de acordo a França quer que se consiga em Paris?*

Laurence: Temos que ter um acordo que seja duradouro. Então, suas regras, seu arcabouço, terão que ser de longo prazo. Queremos que seja um acordo ambicioso e faça diferença, que coloque a economia global no rumo do baixo carbono. Que seja legalmente vinculante no formato legal que venha a ter (pode ser um protocolo, um tratado). Um acordo que seja justo e equilibrado e contenha as circunstâncias nacionais de cada país ao assumirem seus compromissos. Acho que estes são os elementos-chave do acordo. Claro, sabemos que os contribuições iniciais dos países, as INDC, não darão conta da meta global de ficarmos abaixo de um aumento de 2°C, então, precisamos de um mecanismo de revisão e atualização do acordo.

Valor: *A França apoia a revisão a cada cinco anos?*

Laurence: Bem, a França está na União Europeia e esta é a posição que a União Europeia considera. Na presidência da conferência, onde estou trabalhando agora, não podemos ter posições. Mas eu, diplomaticamente, formularia assim: teríamos que ter um mecanismo de revisão a cada cinco anos, acho esta proposta interessante. A proposta brasileira, de ter um ciclo de cinco anos de revisão de metas (com um indicativo de mais cinco anos de longo prazo) me parece uma boa ideia. Mas, bem, meu papel não é ter posições.

Valor: *Por que a conferência de Paris seria diferente da de Copenhague, de 2009, que fracassou em obter um acordo climático global?*

Laurence: Penso que há três razões do por quê pode, e tem que ser diferente. A primeira é que temos sinais de que

estamos no caminho de economias de baixo carbono. Copenhague não acreditava nisso porque os países não estavam preparados. Mas agora, seis anos depois, o grau de preparação dos países é completamente diferente. A base avançou, países fizeram políticas de mudanças do clima, não é a mesma coisa.

Valor: *O segundo ponto?*

Laurence: O segundo ponto é ligado ao primeiro. Em função de não acreditarem em economia de baixo carbono, alguns países, em Copenhague, achavam que era muito cedo para concordarem com um marco global. Diziam que não estavam prontos. Agora, todos dizem que temos que ter um acordo em Paris. Os países querem um acordo.

Valor: *E o último ponto?*

Laurence: Acho que aprendemos muito nestes cinco anos e vimos que é possível termos um sistema com dois lados. Em um deles, os países podem se comprometer, em bases voluntárias, com o que podem alcançar. Do outro lado, precisamos de uma moldura comum com regras para onde todos os países possam convergir. É disso, exatamente, do que se trata o acordo de Paris. Não é só a parte voluntária, temos que nos vincular a um certo número de regras.

Valor: *No final de Copenhague também havia um forte desacerto entre os coordenadores da conferência e o governo dinamarquês.*

Laurence: Espero que conosco seja diferente. Temos um trabalho muito próximo com a presidência do Peru (da última conferência, em Lima), com os co-presidentes e com o secretariado-executivo. Tenho ótima relação com Christiana Figueres (secretária-executiva da Convenção do Clima pela ONU). Estamos alinhados na coordenação, no modo de pensar, nas consultas. Em Copenhague, infelizmente, havia diversos pontos de vista entre o governo da Dinamarca, o secretário-executivo e os co-presidentes da conferência. É por tudo isso que acho que Paris e Copenhague são bem diferentes.

Valor: *A base voluntária, em que cada país diz o que pode fazer, ajuda a se chegar a um acordo, mas coloca o risco de Paris celebrar um acordo fraco, não?*

Laurence: Esta é exatamente minha preocupação. Minha maior preocupação é que tenhamos um acordo forte em Paris, que seja ambicioso. Também temos que ter o entendimento que não vamos fazer tudo da noite para o dia. É um longo processo. Estabilizar o aumento da temperatura abaixo de 2°C representa uma longa transformação de muitos setores econômicos. Paris não decretará "estamos em uma economia de baixo carbono" e isso irá acontecer de uma hora para a outra. Mas podemos acertar que a conferência de Paris seja o ponto de partida de muitas transformações.

Valor: *Como garantir que o acordo seja eficiente?*

Laurence: Este acordo tem que conseguir que os países implementem as ações com que se comprometeram. Temos que ter checagem e transparência - que é o que chamamos de verificação. E, ainda, ter a chance de fazer com que os países, no futuro, façam mais do que haviam dito antes - é por isso que a revisão é absolutamente essencial para não corrermos o risco de o acordo ser ineficiente. Temos que ter isso tudo em Paris. Mas nada disso está dado, temos muita negociação pela frente ao redor destes pontos. Para a presidência da conferência, o acordo de Paris tem que conseguir colocar todos os países na rota certa e garantir que, de tanto em tanto tempo, os compromissos sejam atualizados para que possamos fazer mais.

Valor: *Então a senhora acredita que em dezembro chegaremos a um acordo climático global em Paris. O esforço é que seja ambicioso.*

Laurence: Exatamente. Estamos pressionando para conseguirmos o melhor que pudermos. E, coletivamente, criarmos um mecanismo que possa garantir mais ambição no futuro.

Valor: *A senhora está dizendo que nem tudo se resolverá em Paris.*

Laurence: Paris é o ponto de partida do processo. Depois temos que implementar o acordo e sermos mais ambiciosos no futuro. Parte disso será construído ao longo do tempo, porque veremos que pode ser feito, haverá mais e mais atores econômicos apoiando este movimento, o custo da transformação será mais barato, teremos tecnologias mais baratas. Será como uma bola de neve. Acredito que, se muitos países fizerem este movimento juntos, o custo da mudança cairá bem

rápido. É o que vimos no caso da energia solar, por exemplo, cujo custo caiu dramaticamente em poucos anos. Isso irá ocorrer para muitas tecnologias. Criaremos novos mercados, novos investimentos, o sistema financeiro irá responder positivamente, o custo do capital será menor. Paris pode criar um círculo virtuoso.

"Paris não é só o acordo climático, mas a mobilização de todos os setores que farão a mudança acontecer"

Valor: *O pacote financeiro emperra estas negociações há anos. A promessa de os países ricos colocarem US$ 100 bilhões ao ano, em 2020, para mitigar e adaptar os países em desenvolvimento à mudança climática, não acontece. Como Paris pode fazer isso se concretizar? 2020 é daqui a 5 anos apenas.*

Laurence: Trabalhamos muito com instituições diferentes, com doadores e com bancos de desenvolvimento para rastrear os fundos privados que vêm dos países desenvolvidos para os em desenvolvimento, e para tentar entender em que lugar estamos. Temos que ser sérios em relação ao que estamos contando - não se pode contabilizar cada dólar que está indo dos países desenvolvidos para os outros, há investimento privado que é simplesmente investimento privado, não dá para dizer que faz parte daqueles US$ 100 bilhões. Temos que ter uma metodologia confiável para rastrear os investimentos públicos e, eventualmente, alavancar os investimentos privados de modo que possamos dizer se estamos ou não atingindo aqueles US$ 100 bilhões. É preciso criar um mecanismo que relate os investimentos ano a ano, assim podemos rastrear se chegaremos aos US$ 100 bi em 2020. Acredito que possamos ter esta metodologia antes de Paris.

Valor: *E em Paris, o que a sra. espera sobre os US$ 100 bilhões?*

Laurence: Espero saber em que pé estamos e qual a perspectiva de aumentarmos estes fluxo nos próximos cinco anos, além de pensar no sistema depois de 2020.

Valor: *Como o acordo pode tratar do mecanismo de "perdas e danos", tão importante para as pequenas ilhas já muito vulneráveis aos impactos climáticos, mas que encontra muita resistência dos Estados Unidos?*

Laurence: Este é um ponto importante e difícil. Acho que fizemos avanços neste item do acordo em pequenos encontros informais que organizamos, junto com o Peru. As pequenas ilhas, que pedem este mecanismo há alguns anos porque estão sofrendo muitos danos em seus territórios, propuseram boas ideias. No encontro do G-7, na Alemanha, resolvemos apoiar um instrumento para aumentar o alcance dos seguros nos países mais vulneráveis. É a resposta concreta às perdas e danos da mudança do clima. As ilhas dizem agora que consideram que não se trata de uma "dívida" dos países emissores às vítimas da mudança do clima, mas pode ser entendida como "solidariedade" e não "responsabilidade" dos grandes emissores. Acho que esta é uma boa base de discussão. O sistema de seguros pode ter algo barato e criado para países em desenvolvimento, além de informação precisa e em tempo hábil para poderem se proteger dos eventos extremos. Queremos lançar algo neste sentido antes de Paris.

Valor: *E no acordo?*

Laurence: Temos que achar um lugar adequado para o mecanismo de perdas e danos no resultado final de Paris, com a linguagem correta, decisões práticas e um conceito acordado.

Valor: *Outra questão crítica é a diferenciação das responsabilidades de ação entre os países. A senhora acredita que o acordo de Paris pode resolver algo neste ponto ou ficará para o futuro?*

Laurence: Acho que temos que resolver algo sobre diferenciação em Paris, ou parte deste tema, mesmo se tivermos que desenvolver os detalhes no futuro. Temos que achar um jeito, caso contrário este assunto voltará à tona toda hora. Há várias propostas sobre a mesa. Uma delas é brasileira, a dos círculos concêntricos. É o momento de discutirmos estas propostas muito bem.

Valor: *A França pediu detalhes da proposta brasileira em Lima, na COP passada. A senhora acha que a sugestão brasileira é uma das boas contribuições à mesa?*

Laurence: Acho que é uma das mais interessantes. Há propostas mais parecidas com a formulação antiga, que falam em anexos (como no Protocolo de Kyoto, em que países do Anexo 1 apenas têm compromissos de reduzir emissões). Acho que há movimentos interessantes. Vamos garantir que, em Paris, em julho, nos encontros informais que estamos promovendo,

que estas propostas sejam discutidas. Particularmente, a brasileira.

Valor: *Quais impactos a encíclica do papa Francisco pode ter sobre a negociação climática?*

Laurence: É uma reflexão muito poderosa. Há muita mobilização de vários setores acontecendo, mas esta é a mais importante. Vimos o setor privado se manifestando em maio, em Paris, várias partes interessadas se manifestando em várias partes do mundo e dizendo "temos que ter algo agora, precisamos desta transformação, precisamos de um acordo climático forte." Há muitas vozes. A encíclica tem mais força, mais autoridade, coloca esta voz mais alta. Por isso vejo o resultado de Paris não só como o acordo climático, mas da mobilização de muitos setores que, no fim das contas, farão a mudança acontecer. Todas essas vozes têm que ser registradas, têm que apoiar as metas, compartilhar a visão da mudança. Temos que cristalizar tudo isso. A encíclica é uma ótima notícia para o processo.

Valor: *Ela ajuda o acordo?*

Laurence: Sim, ajuda. E, claro, todos os líderes que virão ajudam a empurrar o processo adiante. E todas as vozes da sociedade, dos atores econômicos, as autoridades locais, as ONGs. Precisamos destas vozes.

Valor: *É verdade que os líderes podem vir a Paris no começo da conferência e não no final?*

Laurence: É uma opção. Não está certo, ainda. Mas o que está certo é que não queremos os líderes no final da conferência.

Valor: *Por que não?*

Laurence: Porque em Copenhague foi uma receita para o fracasso. Todos concordam com isso. Mas nada está decidido. A única coisa que dizemos é que se eles quiserem vir, que seja nos primeiros dias. Mas, de novo, é uma opção em estudos.